

ORGANIZADORAS:
Dilce Regina Paiva de Oliveira
Lucia Dal Pont Sirtoli

IGREJA SEGURA

construindo um espaço acolhedor e inclusivo



Cartilha para diálogos comunitários



IGREJA SEGURA

construindo um espaço acolhedor e inclusivo

Cartilha para diálogos comunitários

I27 Igreja segura [livro eletrônico] : construindo um espaço acolhedor e inclusivo : cartilha para diálogos comunitários / organizadoras Dilce Regina Paiva de Oliveira, Lucia Dal Pont Sirtoli. – Porto Alegre : Livraria e Editora Inclusividade, 2025.

2 Mb ; PDF

ISBN: 978-65-85164-20-7

1. Violência – Prevenção 2. Igrejas cristãs 3. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil 4. Inclusão social I. Oliveira, Dilce Regina Paiva de II. Sirtoli, Lucia Dal Pont

25-2566

CDD 241.66

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência – Prevenção

Organizadoras

Dilce Regina Paiva de Oliveira
Lucia Dal Pont

Revisão

Selma Almeida Rosa
Smirna Cavalheiro

Capa

Larissa Luz dos Santos

Imagem da capa

Marcelo Higa

Diagramação

Rafael Tarcísio Forneck

Realização

Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD)

Apoio

Episcopal Relief and Development (ERD)
Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET)

Coordenação do Projeto

Christina Takatsu Winnischofer
Dilce Regina Paiva de Oliveira

Autores

Adriano Portela dos Santos
Carmen Akemi Kawano
Carmen Andréa Blaas Rodrigues
Carmen Etel Alves Gomes
Erica Furukawa
Geraldo dos Santos Magela Neto
Humberto Eugenio Maiztegui Gonçalves
Ilcéia Soares
Ives Vergara Nunes
Jacqueline da Silva Dutra
Lucia Dal Pont Sirtoli
Marcel Cesar Julião Pereira
Maria Isabel de Oliveira da Silva
Nilo Silva Júnior
Noilves Rosa da Silva
Rudinei Borges de Borges
Sachiko Kashiwagi Tamaki
Sandra Monica da Silva Schwarzstein

Equipe Editorial

Bruno Luiz Teles de Almeida
Letícia Cardoso da Silva

Coeditores

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil



Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional, de Creative Commons.

Para ter mais informações desta licença, visite o site: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt-br>

Todos os Direitos de Publicação e Comercialização reservados à
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e Editora e Livraria Inclusividade



ORGANIZADORAS:
Revda. Dilce Regina Paiva de Oliveira
Revda. Lucia Dal Pont

IGREJA SEGURA

construindo um espaço acolhedor e inclusivo

Cartilha para diálogos comunitários



Porto Alegre
2025

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 6 |
| PALAVRA DA PRIMAZ | 8 |
| SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA USO DA CARTILHA | 9 |
| 1. CRIANÇAS | |
| Comunidades de Fé: lugar seguro para todas as crianças? <i>Ilcéia Soares</i> | 11 |
| Qual é nosso olhar para as crianças? <i>Noilves da Rosa</i> | 15 |
| 2. MULHERES | |
| Uma Igreja segura para elas! <i>Sandra Mônica Schwarzstein</i> | 17 |
| Jesus e as mulheres <i>Lucia Dal Pont</i> | 20 |
| 3. PESSOAS IDOSAS | |
| Proteção das pessoas idosas em nossas igrejas: cuidados pastorais e fatores de risco <i>Marcel C. J. Pereira; Carmen E. Gomes e Sachiko Tamaki</i> | 22 |
| Reflexões a partir de Eclesiástico 3:12-16 <i>Carmen Andréa Blaas Rodrigues</i> | 27 |
| 4. RACISMO | |
| Uma Igreja Segura contra o racismo <i>Adriano Portela dos Santos</i> | 29 |
| Reflexão Teológica – Igreja Segura contra o racismo <i>Adriano Portela dos Santos</i> | 34 |
| 5. PESSOAS ASIÁTICAS | |
| Sou verde e amarela <i>Erica Furukawa</i> | 36 |
| Pessoas de origem asiática <i>Carmen Kawano</i> | 38 |

6. INDÍGENAS

Igreja segura, espaço seguro

Isabel Dessana..... 40

As Vozes dos Povos Indígenas que nos desafiam

Humberto Maiztegui 43

7. PESSOAS LGBTQIAPN+

Pessoas LGBTQIAPN+ Espaços Seguros de Acolhida: a inclusão na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Magela Neto..... 45

O fundamentalismo bíblico que fere e mata pessoas transgêneros

Nilo Junior..... 48

8. Uma Igreja Segura em sua relação com as Pessoas com Deficiência (PCD)

Rudinei Borges de Borges e Jacqueline da Silva Dutra..... 51

Reflexão teológica sobre Pessoas com Deficiências

Ives Vergara Nunes 55

APRESENTAÇÃO

Apresentamos à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil esta Cartilha com contribuições para uma Igreja Segura. Este material não esgota o tema, ao contrário, é apenas uma introdução que visa a sensibilizar toda a igreja para que desenvolva um olhar, uma escuta, uma atitude mais consciente em relação às pessoas que estão em situação de maior vulnerabilidade na sociedade, onde a igreja se inclui, e são passíveis de terem seus direitos violados.

Falar de Igreja Segura pode parecer redundante, pois esta deveria ser o espaço mais seguro que existe. Como pessoas cristãs procuramos seguir o exemplo de Jesus em sua relação com os/as vulneráveis de seu tempo. Cristo acolheu as pequeninas, cuidou das enfermas, incluiu as excluídas, protegeu as agredidas.

Ao longo da história, entretanto, sabemos de muitas situações de abuso que aconteceram, infelizmente, dentro de templos e de instituições religiosas, que foram e ainda são praticadas por pessoas que se declaram cristãs.

Em resposta a tantas situações de abusos e violação de direitos cometidos dentro da estrutura institucional da Igreja, a Comunhão Anglicana formou uma Comissão que tem trabalhado para desenvolver um estatuto para salvaguarda, protocolo e diretrizes que oferecem orientação para aumentar a segurança das pessoas, incluindo mecanismos para tratar das denúncias.

Implementar o trabalho da Igreja Segura é mais que desenvolver políticas e procedimentos. Trata-se de mudar mentalidades para que possamos entender nossa responsabilidade compartilhada de manter seguras as comunidades da igreja.

O trabalho da Igreja Segura é identificar quaisquer riscos e lidar com eles para minimizar a chance de que as pessoas possam ser abusadas ou prejudicadas, bem como responder com compaixão e integridade quando o abuso ocorre.

Abusos e violações podem ser cometidos voluntária ou involuntariamente. As violações e abusos voluntários são cometidos quando mesmo tendo conhecimento dos direitos e características das pessoas, os limites não são respeitados. As ações involuntárias acontecem quando esses

limites não são conhecidos. Todas as pessoas sofrem influências de diversos segmentos da sociedade na sua formação, e numa sociedade em que há preconceitos não podemos negar que carregamos alguns deles inconscientemente. Para nos ajudar a perceber algumas atitudes e comportamentos orientados por preconceitos ou por desconhecimento, apresentamos nesta cartilha textos sobre grupos que podem estar em potencial situação de vulnerabilidade e que fazem parte da realidade das nossas comunidades nos diferentes espaços da IEAB.

Segundo a publicação “Igreja Segura: um guia por onde começar”, da Comissão da Igreja Segura da Comunhão Anglicana, a abordagem do tema se justifica da seguinte forma:

Fazemos este trabalho para garantir que nossas igrejas sejam lugares onde

- a) toda pessoa esteja segura, valorizada e respeitada;*
- b) as pessoas possam adorar, ter comunhão, aprender e crescer sem risco de abuso;*
- c) quando o abuso ocorrer, a resposta da igreja ofereça tanto compaixão quanto um processo justo para alcançar um resultado justo; e*
- d) a resposta da igreja ao abuso promova a cura e proteja tanto a pessoa que sofreu o abuso quanto outras de futuros abusos.*

Convidamos a todos os membros e as comunidades da IEAB para utilizarem os textos escritos por irmãos e irmãs da nossa igreja, de diferentes áreas provinciais e dioceses, produzidos a partir de suas experiências e que nos permitem conhecer a realidade dos diferentes grupos abordados, além dos subsídios teológicos, para que tenhamos uma postura de respeito e de defesa do direito de cada pessoa.

Conhecer e enfrentar as situações de violação de direito em qualquer ambiente é nosso dever como pessoas cristãs.

Revda. Dilce Regina Paiva de Oliveira
Coordenadora do SADD

PALAVRA DA PRIMAZ

Igreja Segura: um espaço de crescimento em testemunho de fé

A Comunhão Anglicana tem desafiado as pessoas que professam a fé em suas comunidades, espalhadas no mundo todo, a tomar consciência de que promover o respeito e a garantia de direitos é dar testemunho do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

A cartilha que apresentamos agora foi construída a partir da experiência de pessoas das comunidades da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Os textos apresentados têm por objetivo dar conhecimento da situação dos grupos mais vulneráveis e nos levar a refletir a respeito da maneira como temos agido em relação às pessoas dos diferentes grupos e gerar maior discernimento do quanto ainda precisamos realizar para que todas as pessoas se sintam seguras para expressar e viver livremente a sua fé, sentindo-se parte do grande corpo que deve ser a Igreja.

Nesta edição abordamos os seguintes temas: Crianças e Adolescentes, Mulheres, Pessoas Idosas, Pessoas com Deficiência, Racismo, Pessoas Asiáticas, Indígenas e Pessoas LGBTQIAPN+. Temos consciência de que não conseguimos abordar todas as violações de segurança para todas as pessoas, mas a partir destes temas poderemos desenvolver nossa sensibilidade e percepção para outras situações que precisaremos discutir, enfrentar e transformar. Cada texto é acompanhado por uma reflexão teológica, questões para nos auxiliar a pensar sobre o tema e uma oração para que jamais esqueçamos a dimensão da fé.

Nossas comunidades, templos e instituições devem ser um aperitivo do Reino de Deus, esperamos e desejamos contribuir para que todas as pessoas encontrem nos espaços oferecidos pela IEAB lugares onde os direitos são respeitados e todas se sintam seguras para viver plenamente e com liberdade sua fé.

+ *Marinez Rosa dos Santos Bassotto*
Bispa Diocesana da Diocese Anglicana da Amazônia
Bispa Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA USO DA CARTILHA

A Cartilha para reflexão e formação de consciência sobre a Igreja enquanto *espaço seguro* apresenta textos abordando a realidade dos grupos mais vulneráveis em nossas comunidades.

Os textos, ainda que de forma breve, procuram oferecer algum nível de aprofundamento nos temas e reflexão teológica e devem ser um auxílio nesta caminhada bem como um encorajamento para que sejamos agentes na transformação de nossas comunidades em lugares onde todas as pessoas, em situação de violação de seus direitos, se sintam seguras e apoiadas.

Para melhor aproveitamento deste material, sugerimos alguns passos:

Preparação

- a) a pessoa que está liderando o processo de conhecimento da Cartilha deverá formar uma pequena equipe, 2 ou 3 pessoas, para coordenar os encontros;
- b) a equipe formada deverá aprofundar-se no tema a ser abordado; além disso, alguém com maior conhecimento sobre o assunto poderá ser convidado(a) para contribuir com o grupo;
- c) a equipe poderá organizar uma dinâmica de fixação do tema, propondo atividades de integração.

Motivação

- a) a liderança clerical e as lideranças leigas que irão coordenar os estudos dos temas deverão fazer a motivação da comunidade através de convites e ampla divulgação do encontro;
- b) enfatizar a importância da participação de todas as pessoas da comunidade, motivando-as a convidarem familiares e vizinhos. Nenhum tema é direcionado para um grupo específico.

Realização do evento

- a) preparar o espaço do encontro de forma acolhedora, tornando-o um ambiente agradável, sempre lembrando que alguns temas poderão ser mais perturbadores que outros, portanto um ambiente mais leve poderá facilitar a participação;
- b) o espaço do templo poderá ser muito significativo para este momento como forma de fortalecer a ideia de que a Igreja é um espaço seguro para a abordagem e discussão de temas que estão diretamente relacionados com a vida cotidiana;
- c) se o encontro não for realizado no templo, trazer para o local elementos que remetam à espiritualidade;
- d) começar o encontro com uma acolhida e um momento de oração, devocional;
- e) se houver pessoas que não sejam da comunidade, promover uma rodada de breve apresentação;
- f) proporcionar a participação de todas as pessoas, convidando-as para a oração, leitura do material e o registro de depoimentos;
- g) se não houver material impresso para todas as pessoas, utilizar apresentação audiovisual para facilitar a participação;
- h) convidar para um momento de reflexão;
- i) ao final, convidar para o próximo encontro motivando para que as pessoas presentes tragam outras pessoas;
- j) finalizar com um momento de oração.

1. CRIANÇAS

COMUNIDADES DE FÉ: LUGAR SEGURO PARA TODAS AS CRIANÇAS?

Ilcélia Soares¹

Infelizmente, no cotidiano, as crianças vivem abuso físico, sexual e emocional, tanto em casa quanto em instituições públicas. Muitas vezes, essas violências são cometidas por familiares ou pessoas próximas, o que dificulta a denúncia e a proteção. As crianças indígenas e quilombolas, por exemplo, enfrentam desafios específicos, como o do acesso a serviços básicos, da demarcação de terras e da preservação de sua cultura. Mesmo com avanços, ainda há muito a ser feito para garantir uma infância plena e saudável para todas as crianças, sendo que muitas ainda possuem outros problemas: a pobreza, a miserabilidade, o acesso à educação.

A segurança das crianças em espaços públicos ou privados pode ser ameaçada de diversas formas: a falta de supervisão adequada, o *bullying*, a exposição a conteúdos prejudiciais na internet, o tráfico de pessoas, o trabalho infantil, a violência doméstica, o abuso e a exploração sexual, a violência física, emocional, a negligência, o abuso verbal, social, religioso.

Os abusos e as violências têm um impacto significativo na vida das crianças e sua prevalência pode gerar consequências emocionais, problemas de saúde mental, problemas comportamentais, além de afetar o desenvolvimento cognitivo e os relacionamentos interpessoais.

¹ Ilcélia Alves Soares, psicóloga, leiga da Diocese Anglicana do Recife.

Como as crianças podem estar vulneráveis em nossas igrejas

As crianças podem estar vulneráveis em nossas igrejas por várias razões e de diversas formas: 1) quando elas se tornam invisíveis e/ou não são incluídas nas atividades litúrgicas, teológicas, pastorais e festividades; 2) quando vivenciam: a) *abuso sexual*: infelizmente, existem casos em que líderes religiosos ou membros da igreja têm como alvo crianças para violência sexual. Isso pode ocorrer dentro dos prédios da igreja, em acampamentos ou retiros e durante atividades extracurriculares; b) *negligência*: algumas igrejas podem não ter protocolos adequados de segurança ou treinamento para funcionários e voluntários que trabalham com crianças. Isso pode levar a situações em que as crianças não estão sendo supervisionadas adequadamente ou não estão recebendo o cuidado e a atenção de que precisam; c) *bullying*: as crianças também podem enfrentar *bullying* por parte de membros da igreja, outras crianças, líderes ou adultos. Isso pode ocorrer nas escolas dominicais ou em qualquer outro ambiente relacionado à igreja; d) *exclusão*: às vezes, podem ser excluídas ou marginalizadas dentro de uma igreja. Isso pode acontecer devido a diferenças étnicas, socioeconômicas ou de habilidades, e essa exclusão pode ter um impacto negativo na autoestima e no bem-estar emocional das crianças; e) *doutrinação*: embora a intenção das igrejas seja ensinar e orientar eticamente as crianças, em alguns casos isso pode se tornar doutrinação excessiva, o que pode levar a efeitos negativos, como repressão da individualidade, medo ou culpa excessiva.

Para proteger as crianças em nossas igrejas é importante implementar medidas de segurança adequadas, como verificação de antecedentes para funcionários e voluntários que trabalham com crianças, estabelecimento de políticas claras de proteção à criança e treinamento regular em relação a essas políticas. Além disso, é fundamental criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todas elas, independentemente de sua identidade de gênero, origem étnica, deficiências, síndromes, transtornos, condição socioeconômica, habilidades e da família com que convive. Acrescentamos também que as lideranças clericais das comunidades de fé deveriam contextualizar os materiais litúrgicos, teológicos e doutrinários para as crianças. Criar e/ou adequar o material catequético de acordo com a faixa etária.

Qual o nosso papel para garantir que, enquanto missão da igreja, tomamos medidas para prevenir abusos em nossas comunidades

Como membros da igreja, temos a responsabilidade de garantir a segurança e o bem-estar das crianças em nossas comunidades. Ao adotar estas medidas, podemos desempenhar nosso papel na prevenção e proteção, cumprindo assim a missão da igreja. Podemos elencar a seguir algumas medidas de proteção:

1. **Educação e conscientização:** precisamos nos educar sobre os diferentes tipos de abuso infantil, seus sinais e efeitos. É importante fornecer treinamento e conscientização a todos os membros da igreja, incluindo líderes, professores e voluntários que trabalham com crianças.
2. **Orientação espiritual:** a igreja fornece educação religiosa e orientação espiritual para as crianças, e isso pode ajudá-las a entender sua fé, desenvolver uma conexão com algo maior do que elas mesmas e obter respostas para suas perguntas e preocupações.
3. **Políticas e procedimentos de segurança:** devemos desenvolver e implementar políticas e procedimentos intensos de salvaguarda infantil em nossas comunidades de fé. Isso pode incluir diretrizes sobre como selecionar e entrevistar voluntários, como lidar com situações suspeitas ou denúncias de abuso e violências infantis e como garantir a supervisão adequada das crianças. Essas políticas podem incluir verificações de antecedentes para voluntários, treinamento de primeiros socorros e protocolos de emergência. As pessoas que trabalham nas igrejas devem ser preparadas, adequadamente treinadas para casos de primeiros socorros para o caso de acidentes com nossos filhos e ou filhas como queda, engasgo, machucados.
4. **Comunicação aberta e amorosa:** estabelecer um ambiente no qual as crianças se sintam seguras para falar sobre qualquer preocupação ou abuso é crucial. Devemos encorajar a comunicação aberta e honesta e agir prontamente caso uma criança revele um abuso ou uma situação suspeita. A igreja é uma comunidade amorosa e acolhedora, onde as crianças se sentem parte de algo maior. Essa sensação de pertencimento e apoio emocional pode ajudar a criar um ambiente seguro.
5. **Responsabilização:** devemos estabelecer mecanismos de responsabilização para garantir que todas as políticas e procedimentos sejam seguidos adequadamente. Isso pode incluir a designação de uma pessoa para a salvaguarda infantil na igreja, que seja responsável por garantir a implementação e o cumprimento das medidas de prevenção de abuso.
6. **Supervisão e cuidado:** a maioria das igrejas possui uma equipe de voluntários ou profissionais treinados para cuidar das crianças durante os serviços religiosos ou atividades específicas. Essas pessoas são responsáveis por supervisionar e garantir a segurança das crianças, pois estas devem ser sempre supervisionadas por adultos responsáveis e treinados. É importante garantir a presença de pelo menos dois adultos durante atividades envolvendo crianças, para evitar situações de abuso potencial ou alegações falsas.

Enfim, é crucial que as famílias exerçam sua responsabilidade de supervisionar seus filhos e suas filhas, estejam atentas ao ambiente onde elas/eles estão e façam avaliações contínuas da segurança dos espaços onde brincam.

A igreja pode ser um lugar seguro para as crianças, mas é importante que todos façam sua parte para garantir que isso aconteça. Isso requer o envolvimento de famílias, cuidadores, educadores, governos e comunidades de fé, para criar e manter ambientes que protejam os direitos e a segurança das crianças.

Referências

FUNDAÇÃO ABRINQ. *Panorama da infância e adolescência no Brasil*. 2021. [S. l.]: Fundação Abrinq, 2021. Disponível em: <https://fadc.org.br/noticias/fundacao-abrinq-traca-panorama-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil>. Acesso em: 3 maio 2025.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Educação brasileira: a voz de adolescentes*. Brasília, DF: UNICEF, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>. Acesso em: 3 maio 2025.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil*. Brasília, DF: Flacso Brasil, 2016. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/MapaViolencia2016_armas_web.pdf. Acesso em: 3 maio 2025.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

QUAL É NOSSO OLHAR PARA AS CRIANÇAS?

Noilves da Rosa²

*Aí ele disse:
deixem que as crianças venham a mim
e não proibam que elas façam isso,
pois o Reino dos Céus é das pessoas
que são como estas crianças.*

(Mt 19.14, NTLH)

Queremos refletir sobre o texto bíblico de Mateus 19.13-15 para servir de luz a uma reflexão sobre *igreja segura*. Será oportuno ler a passagem em traduções diversas para comparar as versões/traduções, buscando trazer algumas perguntas que direcionem o olhar.

Conforme o texto, algumas pessoas estavam levando as crianças até Jesus. Quem eram essas pessoas? Em que lugar estavam? Por que aquelas crianças estavam presentes? Havia também pessoas impedindo as crianças de chegarem até Jesus. Quem eram essas pessoas? Por que queriam manter as crianças afastadas de Jesus? Como Jesus reagiu? Ele acolheu ou rejeitou as crianças? De que forma demonstrou isso? Não será da boca e da atitude das crianças que brota a sabedoria divina?

Tendo como base o texto bíblico, atrevo-me a perguntar: somos, como igreja, um espaço seguro para as crianças? Queremos ouvi-las? A igreja está pronta e disposta a mudar seu modo de pensar e agir em relação às crianças? Que tipo de segurança física, emocional e espiritual oferecemos para as crianças na igreja? Poderemos dizer: “*deixai vir a mim as criancinhas*”?

² Presbítera na Diocese Sul Ocidental.

Precisamos refletir sobre o modo como lidamos nas igrejas com as crianças que choram, que correm, que tiram a atenção das pessoas adultas durante as celebrações. É fundamental analisarmos se em nossas celebrações existe uma linguagem que as crianças podem compreender – ou falamos somente para as pessoas adultas? Quando vamos nos dirigir às crianças partimos do pressuposto de que nós sabemos e vamos repassar a nossa sabedoria para elas. Será que é assim que oferecemos segurança espiritual?

Talvez seria oportuno oferecer às crianças um programa que sustente e guie a busca espiritual através do silêncio, ação litúrgica e histórias sagradas enraizadas numa linguagem cristã de forma lúdica, para serem mais conscientes do mistério da presença de Deus em suas vidas.

Todas as comunidades deveriam oferecer às crianças espaços adequados, adaptados a elas, onde se sintam seguras, acolhidas e possam aprender de forma lúdica.

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando a criança, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

2. MULHERES

UMA IGREJA SEGURA PARA ELAS!

*Sandra Mônica Schwarzstein*³

Jornais, TV e redes sociais trazem o tempo todo notícias de feminicídio e vemos com frequência que, lamentavelmente, a morte é o triste final de uma sequência de violências domésticas praticadas contra uma mulher.

Em 2021, no Rio de Janeiro, o Dossiê da Mulher denunciou que na grande maioria das situações em que mulheres foram assassinadas por companheiros ou ex-companheiros, os/as filhos/as pequenos/as presenciaram o crime. O feminicídio é a última etapa das violências praticadas contra as mulheres. Nesse mesmo ano citado, 6.255 mulheres sofreram violências sexuais, sendo 4.429 por estupro. Grande parte das vítimas eram crianças e adolescentes. No auge da pandemia no Brasil, milhares de mulheres saíram de casa e foram a uma delegacia prestar queixa de violência sofrida.

Todas nós conhecemos uma mulher vítima de violência e talvez já tenhamos sido abusadas por alguém bem próximo. Além disso, costuma ser comum que a mulher seja responsabilizada pelo próprio sofrimento. Muitos autores de agressão justificam as violências praticadas contra suas parceiras, atribuindo ao fim do relacionamento afetivo o motivo da revolta e decorrente violência.

O Ciclo da Violência se desenvolve na relação afetiva entre parceiros/as e vai acontecendo por etapas. No início da relação ocorrem tensões sutis travestidas de “ciúme” e as mulheres não sentem o perigo. Com o tempo, as tensões vão se ampliando e, aos poucos, a mulher vai se percebendo isolada de seus familiares e amigos/as. Na sequência, ordens, ameaças e imposições substituem o diálogo. A vítima vai ficando mais isolada e familiares e amigos/as não sabem o que está

³ Assistente Social – Presidente da UMEAB Nacional.

acontecendo. Mais tensões e medo. Um dia, numa discussão acirrada a violência física explode. Passado o momento de violência, o agressor, em geral, se arrepende, pede desculpas, justifica-se dizendo que estava nervoso e promete nunca mais voltar a tal ato brutal, e a mulher aceita. Muitas acham que foram culpadas pelo descontrole do parceiro e acreditam que ele vai mudar. E por algum tempo, o comportamento desse homem melhora, e ele fica carinhoso.

Nesse momento, para ajudá-lo a mudar de comportamento é necessário apoio da família e de profissionais. Caso isso não aconteça, as agressões podem retornar e tornarem-se mais graves. Quando a mulher não consegue romper o ciclo da violência, ela e seus familiares podem correr graves riscos.

Diante de tanta vulnerabilidade, é urgente que a igreja seja um espaço seguro para mulheres e meninas! E nós, anglicanos e anglicanas, estamos buscando caminhos para que isso ocorra. Um deles é compreender o ciclo da violência que envolve uma mulher que ama o parceiro, que a agride e, muitas vezes, depende dele emocional e financeiramente para criar seus filhos. Precisamos agir sempre que identificarmos uma menina ou mulher sofrendo violência. Devemos, enquanto igreja, estar atentas/os ao comportamento de nossas irmãs, amigas e familiares.

Assim, buscando construir um espaço seguro para tantas mulheres e meninas, entendemos que a igreja deve:

- a) aprimorar a capacidade de *escutar* a mulher;
- b) acolher aquela que é vítima de violência, mostrar-lhe empatia, proporcionar espaço de segurança e confidencialidade; o acolhimento incentiva a fala;
- c) não culpabilizar a mulher, pois ela não é culpada pelas agressões que sofre;
- d) ouvir sem julgamento, praticando com palavras “Eu acredito em você, você não está sozinha, você não é culpada. Como posso lhe ajudar?”;
- e) observar meninas e mulheres da própria convivência, pois algumas podem demonstrar sofrimento sem palavras (isolamento, desenhos, automutilações, tristeza, depressão, atitudes exageradas);
- f) atuar em parceria, isso significa que pessoas da paróquia devem estar unidas por essa causa e nessa pastoral;
- g) possuir, em lugar visível, os dados da Rede de Atendimento às Mulheres e Meninas vítimas de violência da própria cidade, com nome, endereço e telefone de instituições como Casa da Mulher Brasileira, Delegacia da Mulher, Centro de Atendimento a Mulheres, Conselho Tutelar, abrigos, entidades da sociedade civil. Inclua o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), o Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), a Unidade Básica de Saúde (UBS), entidades sociais de apoio;

- h) informar, por meio de cartaz, o “Ligue 180” – que atende gratuitamente denúncias de violências contra meninas e mulheres – e compartilhar os direitos e a legislação que protege as mulheres;
- i) acessar o site da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, tem o Telegram (digitar na busca “Direitoshumanosbrasil”) e WhatsApp (61-99656-5008), atendimento 24h, inclusive sábados, domingos e feriados.
- j) mobilizar-se para as campanhas: “21 Dias pelo Fim da Violência contra a Mulher”, Dia da Consciência Negra e outras datas;
- k) organizar, com outras mulheres e lideranças da igreja (clero e leigo/as) uma liturgia de prevenção à violência doméstica;
- l) incluir os homens (leigos, clérigos e bispo) nessa luta;
- m) divulgar vídeos de prevenção à violência contra as mulheres [nossa igreja possui material disponível, elaborado por irmãos e irmãs anglicanos];
- n) valorizar a coragem das mulheres que conseguiram denunciar as violências sofridas;
- o) engajar-se nas campanhas de prevenção da cidade;
- p) promover rodas de conversa com as mulheres.

Juntas e juntos, podemos atuar para que nossas igrejas sejam espaços seguros para todas as mulheres que precisem!

REFLEXÃO TEOLÓGICA

JESUS E AS MULHERES

Lucia Dal Pont⁴

As igrejas cristãs possuem um papel fundamental na recuperação e no resgate da dignidade e liderança das mulheres. Se de fato a Igreja encarna em sua missão a proposta de Jesus, tem como obrigação ser uma *igreja segura* para todas as mulheres e meninas. Em sua ação, Jesus formou seu grupo tendo em seu núcleo mulheres e homens, mostrando de igual forma o respeito e a importância delas na construção social e religiosa de sua época. Jesus mostrava que no Reino de Deus – que inicia neste plano, e transcende a ele – todas as pessoas são iguais.

O sistema patriarcal, que existia antes de Jesus e continuou em seu tempo, no grupo de Jesus foi combatido. Na construção social e religiosa trazida pelo Mestre, não havia discriminação nem rejeição, podemos perceber isso em vários textos bíblicos:

- a) João 20.11-18 mostra-nos uma mulher sendo protagonista, primeira testemunha da ressurreição. Ao anunciar o que Jesus ordenou, Maria de Magdala aceita a ordem dada pelo ressurreto e se torna discípula e apóstola. Maria leva os discípulos a um novo reconhecimento de Jesus, estabelece a passagem do Jesus terreno para o Jesus Ressuscitado.

Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus.” 18 Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que ele lhes disse (Jo 17b -18).

- b) João 4.5-42 apresenta uma outra mulher no protagonismo e trata de três temas importantes: Missão, água viva e adoração. Esses dois textos mostram como Jesus traz a mulher para o meio, dignifica, respeita e acolhe.

Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: “Ele me disse tudo o que fiz!” (Jo 4.39).

⁴ Presbítera na Diocese Anglicana do Rio de Janeiro, Coordenadora do CEA.

Se Jesus colocou a mulher no meio, juntos no discipulado, por que houve tanto esforço para apagar o nome delas da história e das ações na Bíblia? Até hoje tenta-se manter as mulheres e as meninas como objetos de desejo, manipulação e serviço. Muitas pessoas fazem isso através da violência, dentro de casa ou em qualquer outra instituição, inclusive dentro de muitas Igrejas.

Nossa Igreja é um espaço seguro para mulheres e meninas? O que você tem a dizer sobre isso?

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando as mulheres, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

3. PESSOAS IDOSAS

PROTEÇÃO DAS PESSOAS IDOSAS EM NOSSAS IGREJAS: CUIDADOS PASTORAIS E FATORES DE RISCO

Marcel C. J. Pereira⁵

Carmen E. Gomes⁶

Sachiko Tamaki⁷

Segundo dados do último censo do IBGE, o Brasil conta com pouco mais de 22 milhões acima dos 60 anos (Silva, 2023). No entanto, essa parcela da população enfrenta um grave problema: a violência e abuso contra a pessoa idosa. Segundo o Disque 100, no primeiro semestre de 2023, houve um aumento de 38% nos casos de violência contra idosos em relação ao semestre anterior, totalizando 65 mil queixas em apenas seis meses (Lüder; Santos, 2023).

O abuso contra idosos é uma forma de violência que pode ocorrer em diversos contextos, incluindo a família, a comunidade e as instituições de cuidado. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, o abuso pode ser caracterizado como um ato único ou repetido, ou a falta de ação apropriada, ocorrendo em qualquer relacionamento onde haja uma expectativa de confiança que cause danos ou angústia a um idoso (Brasil, 2023). Trata-se de um problema sério de saúde pública que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Para compreender essa questão, é preciso considerar os fatores de risco que aumentam a vulnerabilidade de pessoas idosas a sofrerem abusos. Esses fatores podem ser divididos em três categorias: fatores individuais, fatores relacionais e fatores ambientais e culturais (Santos *et al.*, 2022).

⁵ Marcel Pereira, psicólogo, leigo da Diocese Anglicana do Paraná.

⁶ Revda. Carmen Ethel Alves Gomes – Presbítera na Diocese Meridional – Coordenadora Acadêmica do CEA.

⁷ Revda. Sachiko Tamaki – Presbítera na Diocese Anglicana de São Paulo – Membro do Conselho Diocesano.

Entre os fatores individuais que podem aumentar o risco de abusos contra idosos – aqueles que dizem respeito às características pessoais dos idosos como idade, gênero, saúde física e mental – podemos elencar:

- a) a idade avançada que pode acarretar uma diminuição da capacidade física e cognitiva, a maior vulnerabilidade a doenças crônicas, exigindo cuidados de saúde prolongado e, conseqüentemente, maior dependência de outros para o cuidado de si;
- b) o gênero da pessoa também é relevante, sendo que mulheres idosas são mais propensas a sofrer abusos do que homens devido à discriminação de gênero e dependência financeira em muitos casos;
- c) a saúde mental pode se deteriorar ao longo dos anos, trazer agravamentos de condições preexistentes, que podem reduzir a capacidade de entender e expressar suas demandas, da maior exposição à manipulação e da menor habilidade de se defender.

Fatores ambientais são aqueles que se referem à qualidade e à frequência das interações sociais dos idosos com familiares, amigos, vizinhos e cuidadores. Abusos contra idosos podem ocorrer em qualquer contexto de cuidado como:

- a) na família quando as relações familiares estão comprometidas por diversos fatores como um histórico de conflitos, violência, abuso de substâncias ou problemas de saúde mental, bem como dificuldades financeiras;
- b) com cuidadores externos que, mesmo quando bem-intencionados, estão sujeitos a estresse, sobrecarga ou despreparo, podendo perpetrar abusos; e muitas pessoas de idade avançada perderam seus parceiros, fragilizando consideravelmente sua rede de apoio.

Em exemplo destes fatores está narrado no depoimento da reverenda Sachiko:

Ouvi depoimentos de vários idosos japoneses. Concluí que os imigrantes vêm trabalhando, sacrificando suas vidas para o benefício dos seus descendentes em contribuição para o desenvolvimento desta nação. Paralelo ao crescimento e à independência dos filhos, os pais, mesmo convivendo sob o mesmo teto, sentem um vazio por duas razões: diferença do ritmo de vida e dificuldade na comunicação por não dominarem a língua portuguesa. Existem muitos viúvos e viúvas que vivem na solidão isolados no município sem qualquer atividade social.

Fatores ambientais e culturais, que englobam as condições materiais, econômicas e culturais no qual os idosos vivem, como a falta de apoio social, têm um peso importante na ocorrência de abusos contra pessoas idosas. São questões como:

- a) a falta de contato com a família e amigos, que pode gerar isolamento e solidão;
- b) a falta de recursos financeiros, que pode dificultar o acesso a serviços de saúde e assistência;
- c) a falta de conhecimento sobre seus direitos, que pode impedir a denúncia e a busca por proteção legal;
- d) isolamento social com a aposentadoria e afastamento de espaços de socialização;
- e) os estereótipos sobre idosos acentuados pela pressão do modo de vida moderno que estigmatiza aqueles que não se encontram inseridos no mercado de trabalho ou com reduzido poder econômico. Por isso, favorecem-se estereótipos negativos sobre idosos, como que eles são frágeis, dependentes ou não merecem respeito e isto pode contribuir para a violência contra idosos e para serem desacreditados quando denunciam um abuso sofrido. Em algumas culturas, o abuso contra idosos é tolerado ou até mesmo encorajado.

O cuidado com os idosos é fundamental, nossa preocupação deve ir além do cuidado espiritual, tem a ver com o seu alimento, sua saúde, sua espiritualidade, suas relações humanas, seus direitos. Nossas igrejas são instituições que podem oferecer apoio social e espiritual a pessoas idosas. O cuidado deve ser feito com amor e compaixão como nos ensina o mestre Jesus. Diversas iniciativas, como a pastoral do idoso, são de grande importância para nossas comunidades e sociedade ampliada, como no depoimento da reverenda:

Nosso trabalho foi de cuidado e refletindo essa palavra descobre-se que tem muito a ver com a cura oferecida por nossas igrejas, com a bênção da saúde, cultos, orações, cantos, conversas informais. [...] realizávamos visitas semanais, embaixo das árvores celebrávamos a Santa Eucaristia. Todas as pessoas eram convidadas a participar. Na hora da leitura do texto bíblico e comentários, sempre acontecia a partilha da palavra por algumas das pessoas do lar, trazendo sua experiência de vida, contando suas histórias, resgatando a memória de fatos que marcaram suas vidas.

Ainda assim, o trabalho com pessoas idosas demanda emocional e espiritualmente das pessoas que se dedicam a esta missão. Ainda em seu depoimento a reverenda Carmen narra um momento muito tocante da caminhada:

Como pároca da Igreja fui nomeada também pelo bispo Diocesano a ser capelã do Lar Alice Kinsolving. São quase trinta pessoas, chegando neste ano mais de 12 pessoas, muito frágeis, tristes e doentes. Causou me muito impacto ver rostos conhecidos no lar, de pessoas anglicanas, meu primeiro impulso foi de não abraçar mais essa missão. Por toda a situação dessas pessoas, de enfermidade, de fragilidade, pensei comigo mesma se

teria **dons para colocar a serviço dessas pessoas tão necessitadas. Porém, lembrei-me do pensamento** de Andrea Freire: *“E Deus não escolhe os que se julgam capacitados, mas Ele capacita seus escolhidos”*. [...] A cada semana aprendemos com elas a melhorar nossa escuta, e nossas celebrações. Aprendemos com essas pessoas a solidariedade, entre elas há muitos problemas, mas há carinho, solidariedade, compaixão. Nesse lugar tenho aprendido muito, a cada dia me ensinam a ser uma pessoa melhor.

A espiritualidade é um elemento importante de nosso trabalho com pessoas idosas. A reverenda Sachiko, da Diocese de São Paulo, relata em sua experiência que:

Os voluntários iniciavam com orações pedindo ajuda de Deus. Estes voluntários amadores foram preparados durante seis meses com uma japonesa com larga experiência e conhecimento na área de atendimento aos idosos. A atividade iniciava com o hino de abertura com todos seguida de mensagem positiva de Deus.

Mesmo com o trabalho, ou até mesmo devido a seu trabalho, igrejas também podem ser um local onde ocorrem abusos contra idosos. Existem alguns fatores que podem aumentar o risco de abuso contra idosos em igrejas. Um deles é a confiança depositada na igreja, que costuma ser maior entre idosos. Eles costumam deferir muito respeito a seus líderes religiosos e podem ser mais propensos a se submeter a abusos por eles. Outro fator é a estrutura hierárquica centralizada em algumas igrejas. Nesse caso, a autoridade é centralizada no líder religioso, o que pode dificultar para pessoas idosas denunciarem abusos.

Pessoas idosas em nossas igrejas estão expostas a uma série de riscos, especialmente abusos financeiros, espirituais e físicos. Abusos financeiros ocorrem quando líderes religiosos ou outros membros da igreja se aproveitam da confiança de idosos para obter vantagens financeiras, como dinheiro, bens ou propriedades. Abusos espirituais ocorrem quando líderes religiosos ou outros membros da igreja usam a religião para manipular, ou controlar idosos. Agressão física ocorre quando líderes religiosos ou outros membros da igreja usam a força física para controlar ou punir idosos. Há também situações de maus-tratos, que ocorrem quando líderes religiosos ou outros membros da igreja negligenciam as necessidades básicas de idosos, como alimentação, higiene ou cuidados de saúde. Por fim, há o risco de abuso sexual, que ocorre quando líderes religiosos ou outros membros da igreja forçam, ou coagem idosos a participar de atividades sexuais. Esses tipos de abusos são comuns e devem ser denunciados e combatidos.

A violência contra idosos é um crime no Brasil, conforme o Estatuto do Idoso (Lei 10.741) e discriminar pessoa idosa pode levar o agressor à prisão por até cinco anos e ainda pagar multa (Silva, 2025). Entre os efeitos do abuso à saúde estão lesões traumáticas e dor, assim como depressão, estresse e ansiedade. A violência contra idosos pode levar a um risco aumentado de colocação

em instituição de longa permanência para idosos, uso de serviços de emergência, hospitalização e morte.

Uma das missões da igreja é cuidar dos membros mais velhos de nossas comunidades e entorno, que são vulneráveis a diferentes formas de abuso. Devemos olhar para o desafio que nos traz o contexto atual, nosso país está envelhecendo e com isso se pode afirmar que as nossas comunidades estão com a maioria de sua membresia de pessoas idosas. As estatísticas nos desafiam a tornar nossa resposta pastoral mais eficaz, com orientações de outras ciências, com acompanhamento por uma comissão paroquial. O problema dos idosos é da família também, deve envolver toda geração. Precisamos educar as crianças e famílias para tratar bem os idosos respeitando-os.

Para protegê-los, precisamos conscientizar as pessoas sobre a gravidade e as consequências do abuso contra idosos, bem como as maneiras de preveni-lo e denunciá-lo. A igreja tem o papel de oferecer apoio, orientação e acolhimento aos idosos que sofrem abuso, de promover ações educativas e preventivas junto às comunidades e à população em geral, e, acima de tudo, garantir que os espaços comunitários e de adoração sejam espaços seguros para todas as pessoas.

Referências

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Violências contra a pessoa idosa saiba quais são as mais recorrentes e o que fazer nesses casos*. Brasília, DF, 15 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/violencias-contra-a-pessoa-idosa-saiba-quais-sao-as-mais-recorrentes-e-o-que-fazer-nesses-casos>. Acesso em: 21 maio 2025.

GALDINO, Lucas. Violência contra idosos é crime: saiba como denunciar. *Catraca Livre*. Cidadania. 14 ago. 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/violencia-contra-idosos/>. Acesso em: 21 maio 2025.

LÜDER, Amanda; SANTOS, Fábio. Violência contra idoso cresce 38% no Brasil, diz levantamento. *G1/GloboNews*. Política. São Paulo, SP, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/26/violencia-contra-idoso-cresce-38percent-no-brasil-diz-levantamento.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2025.

SANTOS, M.A.B. *et al.* A violência contra pessoas idosas no Brasil: fatores associados segundo o tipo de agressor. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 25, n. 4, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562022025.220186.pt>. Disponível em: 19/05/2022. Acesso em: 21 maio 2025.

SILVA, Camila. Brasil tem 22,2 milhões de idosos, aponta Censo do IBGE. *Carta Capital*. Editora Basset. 27 out. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-tem-222-milhoes-de-idosos-aponta-censo-do-ibge/>. Acesso em: 21 maio 2025.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

REFLEXÕES A PARTIR DE ECLESIAÍSTICO 3:12-16

Carmen Andréa Blaas Rodrigues⁸

Desde criança, sempre me identifiquei com pessoas idosas. Nas minhas relações de amizade procurava estar com uma pessoa idosa, ouvi-la, saber de seus conhecimentos e experiências e aplicar seus conselhos, que a meu ver são muito valiosos.

Nossa Comunhão Anglicana tem se preocupado em buscar formas de ser uma Igreja Segura para todas as pessoas. A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil tem procurado fazer seminários abordando temas que aparentemente são excluídos da sociedade, como é o caso das pessoas idosas, sobre o qual estamos refletindo aqui, e buscando multiplicadores em suas Dioceses.

Em nossas Comunidades sempre procuramos ter pelo menos uma pessoa idosa envolvida em algum Sodalício ou Ministério, colocando seus dons a serviço da Igreja. Às vezes essa pessoa é vista pelas demais como intransigente, pois, por pertencer àquele grupo de fé há muito tempo, pode ser que se sinta responsável demais pela Comunidade, o que de certa forma acaba gerando certo conflito com as mais jovens. Contudo, diante dessa possibilidade, precisamos nos perguntar se aquela pessoa que está ali, participando, doando, colocando seus dons a serviço da Igreja, passa por alguma situação de exclusão em casa, na sociedade ou na própria Igreja? Somos realmente uma Comunidade, uma Igreja Segura para essas pessoas?

Eclesiástico 3:12-16 nos pede para cuidarmos de nossos idosos na velhice e não os abandonarmos enquanto viverem. Para isso devemos ter força, compreensão, paciência e compaixão porque agora é nossa vez de retribuir por todo o bem que um dia foi feito a nós.

Independentemente de ouvirmos repetidas vezes as mesmas histórias ou de enfrentarmos a resistência das pessoas mais idosas quanto a nossa ajuda para a realização de algo na Comunidade, temos que ter a certeza de que ali somos uma Igreja Segura, um lugar e um espaço onde as pessoas idosas irão se sentir bem com elas mesmas e com outras pessoas, além de poderem

⁸ Diácona na Diocese Anglicana de Pelotas.

participar, contribuir e disponibilizar seus dons em diversos Ministérios e Sodalícios, no tempo e do jeito delas.

Minha comunidade tem sido uma Igreja Segura para as pessoas idosas? Eu, enquanto membro/a, estou tendo cuidado, paciência, compreensão e compaixão com esse grupo que faz parte da minha Comunidade? Que seja essa nossa reflexão e que Deus nos abençoe!

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando as pessoas idosas, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

4. RACISMO

UMA IGREJA SEGURA CONTRA O RACISMO

Adriano Portela dos Santos⁹

Falar de uma igreja segura no contexto do Brasil demanda necessariamente pensar nos abusos e nas violências sofridos pelos afrodescendentes neste país com profunda herança escravocrata¹⁰ e sobre como a igreja pode contribuir para prevenir a reprodução desses crimes em seu interior e para erradicá-los da sociedade brasileira. E é isto a que nos propomos neste texto.

Abusos contra as pessoas negras: os pecados nossos de cada dia

Além de um crime tipificado pela legislação brasileira, o racismo é uma prática abusiva contra a dignidade das pessoas negras. Neste abuso, abrigam-se múltiplas formas de violência. Elencamos aqui apenas algumas, a título de ilustração das mazelas que flagelam a comunidade afrodescendente:

- a) **Violência estatal contra os corpos negros:** comecemos por aquelas que estão diretamente ligadas à própria segurança física. Entre os abusos pelos quais passam as pessoas negras no Brasil está o abuso de poder de agentes de segurança pública, que não

⁹ Presbítero na Diocese Anglicana do Recife.

¹⁰ É preciso traçarmos um panorama sobre o racismo no Brasil. Nesse sentido, certamente é consenso entre nós que se fala mais na afirmação da negritude (consciência) e valorização das pessoas afrodescendentes (reparação) no Brasil dos dias atuais do que no país que tínhamos há vinte anos, por exemplo. No entanto, não nos enganemos, esses dados não significam (ainda) justiça racial. Os piores indicadores de qualidade de vida estão associados às pessoas negras no Brasil, resquício de um processo de abolição da escravatura que não se preocupou em projetar dignamente os ex-escravizados na sociedade brasileira. Em 2017, o estudo *Desenvolvimento Humano para além das médias* - uma parceria entre o PNUD, o Instituto João Pinheiro e o IPEA - revelou que em comparação com os índices de desenvolvimento humano (IDHM) dos brancos, os negros tinham dez anos de atraso, mesmo crescendo consideravelmente naquela década devido à melhoria do indicador educação entre os negros.

raramente infringem os protocolos de desempenho de sua função, efetuando procedimentos abusivos e o emprego excessivo de força em abordagem a pessoas negras;

- b) **Prisões injustas de jovens negros:** em segundo, pensemos as prisões injustas de jovens negros, motivadas por processos de reconhecimento de pessoas e provas testemunhais falsos, viciados, atravessados pelo racismo, os quais condenam jovens ao encarceramento mesmo quando estes têm álibi e testemunhas irrefutáveis;
- c) **Violência contra mulheres negras:** além dos abusos mencionados acima, é preciso salientar o abuso contra as mulheres negras, que são as principais vítimas de violência sexual e violência doméstica, muitas vezes culminando infelizmente em feminicídio. As mulheres negras estão mais vulneráveis à violência que as mulheres brancas: segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, por exemplo, em 2022, 61,1% das mulheres vítimas de feminicídio no Brasil eram negras (BUENO *et al.*, 2023, p. 142). Quando se trata de violência sexual, o mesmo Anuário (BUENO *et al.*, 2023, p. 157-58), sinaliza que, em 2022, 88,7% das vítimas de estupro e estupro de vulneráveis eram mulheres; e no que se refere à segmentação cor/raça, temos que 56,8% eram pessoas negras, o que nos faz presumir que as mulheres negras – enquanto partícipes das duas categorias mais afetadas – serem as principais vítimas de violência sexual no Brasil;
- d) **Exclusão social das pessoas em situação de rua:** (que são majoritariamente negras) e **das pessoas refugiadas** (entre as quais, grupos étnicos negros). Há muitas violências institucionais contra esses dois grupos sociais, a exemplo do tratamento diferenciado que refugiados haitianos e congolezes (e indígenas venezuelanos), por exemplo, recebem em relação aos demais grupos étnicos refugiados. Todavia, não obstante, a pertinência da reflexão sobre tais grupos sociais, restringir-nos-emos aqui tão somente a mencioná-los, no desejo de que não sejam esquecidos e na esperança de que em outras oportunidades eles passem à centralidade da reflexão.

Seja qual for a forma de violência à qual as pessoas afrodescendentes estejam expostas, temos algumas consequências comuns da incidência da violência em suas vidas, tais como baixa autoestima, complexo de culpa (por não ser “bom” o suficiente), complexo de inferioridade, preterimento socioprofissional, pobreza e complicações na vida afetivo-emocional. Trata-se de um combo que, a depender do nível de consequências, pode fadar o indivíduo ao fracasso. Mas frise-se: apesar do cenário, percebemos que a comunidade afro-brasileira desenvolveu uma profunda capacidade de resiliência ao longo dos séculos.

Como podem estar as pessoas negras em nossas igrejas

Ao pensar nas condições em que as pessoas afro-brasileiras possam estar nas comunidades da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, na verdade, temos primeiramente que nos perguntar se há estas pessoas em nossas comunidades e se nos damos conta de sua contribuição dada à IEAB. Nesse sentido, como afirmação histórica da presença de pessoas afro-brasileiras e indígenas na IEAB, é bastante expressiva a *Carta à Câmara Episcopal sobre o genocídio de pessoas negras e indígenas* (3/6/20), a qual teve como signatários 100 pessoas negras ou indígenas, contando tanto com lideranças clericais quanto laicas de todas as dioceses e do distrito missionário da IEAB. Uma vez sabido que temos pessoas afrodescendentes na IEAB, cabe a pergunta sobre como estão estas pessoas em cada comunidade Brasil afora. Afinal, uma evangelização que não se pergunta como estão aqueles e aquelas a quem se anuncia a salvação é uma evangelização desprovida de Evangelho.

Assim como tantas outras pessoas afrodescendentes, as pessoas negras da IEAB necessitam que a afirmação de sua identidade seja apoiada. A afirmação da identidade passa (também) pela capacidade de fazer representar, isto é, de promover representatividade. É comum haver ambientes nos quais as pessoas negras estarem vulneráveis à **solidão**, por falta de referências. Por isso, a discussão sobre representatividade não é apenas sobre *poder* (o que já seria justo), mas sobre sentir-se em casa. Tem a ver com o sentimento de pertencimento e com a percepção do que se está autorizado a fazer no espaço. Uma pessoa branca não sabe o que é a necessidade de chegar nos espaços já a procura de pares; não sabe o que é o sentimento de solidão étnico-racial nos ambientes. Então, como está a representatividade, em termos de negritude, na IEAB? Uma sub-representação significa que dons têm deixado de serem aproveitados no seio da instituição. De modo que o irmão ou irmã negros que estejam na IEAB possivelmente não percebiam ainda esforços mais consistentes da Província no sentido de ajudar sua membresia a superar a injustiça racial do Brasil.

Outra vulnerabilidade que podemos identificar em relação às pessoas negras diz respeito à própria **vulnerabilidade econômica**, algo que não tem origem na vida eclesial, mas que a afeta sob múltiplas formas. Não queremos, de modo algum, desconsiderar a ascensão social que um considerável número de pessoas negras alcançou no país; mas apontar um panorama da situação em que ainda se encontra uma grande parcela do povo negro.

Qual o nosso papel para garantir que, enquanto missão da igreja, tomamos medidas para prevenir estes abusos em nossas comunidades

Evidentemente, identificamos tendências positivas para as pessoas negras nas igrejas (incluindo a IEAB): incentivo à representatividade nas lideranças; acolhida da temática étnico-racial

na liturgia (pregação e símbolos); e *boom* de estética negra entre a membresia. Porém, o que efetivamente pode ser feito para tornar orgânica a ação pastoral da igreja em relação às pessoas afrodescendentes? Buscaremos responder a essa questão, resgatando as respostas dadas ao formulário digital *Afrodescendência na Diocese Anglicana do Recife*, por lideranças leigas e clericais (2 a 9/1/19). O formulário, que foi respondido por 58 pessoas, serviu como base de dados para o nosso artigo *Anglicanismo e negritude no Brasil*. No artigo, identificamos que, à pergunta *O que a igreja pode fazer para melhorar a situação do(a) negro(a) na igreja e na sociedade?*, as pessoas entrevistadas ofereceram respostas em torno de quatro eixos:

- a) **Denúncia:** os entrevistados sugeriram “incluir mais debates acerca da situação da vulnerabilidade que o negro vive constantemente em nossa atual sociedade” (F47) e “divulgar sua posição publicamente contra o racismo e trabalhar nas suas paróquias essa questão” (F52);
- b) **Formação:** encontramos sugestões nos formulários como: “oportunizar e incentivar o episcopado, de forma diocesana promover ações e eventos com as temáticas antirracistas” (F1); “fórum de combate ao racismo” (F3); “promover formação através de textos, vídeos, roda de conversa e metodologias que possuam linguagem acessível acerca das demandas étnicas” (F13); “mais discussões, mais encontros teológicos sobre o tema, captar testemunhos de racismo e divulgá-los” (F39); “orientar as pessoas sobre medidas a serem tomadas em caso de racismo e como devem se documentar” (F39); “eventos nas comunidades para discutir, valorizar e disseminar a cultura afro” (F46); e “material específico, artigos e revista” (F55);
- c) **Representatividade:** neste tópico, encontramos as seguintes sugestões: “a criação de uma Pastoral Afrodescendente” (F18); “investir em lideranças negras” (F19); e “a sagração de um bispo negro ou uma bispa negra também seria um sinal visível importante de inclusividade” (F28);
- d) **Ação Social:** um dos participantes da entrevista respondeu: “acredito que se faz necessário partir o pão com os mais pobres. Em nossa sociedade essa população é de maioria negra. Precisamos dar pão a quem tem fome, conhecimento e informação a quem não teve educação etc. Partilhar os dons. Partilhar o que Deus nos permitiu conquistar na vida” (F29).

No que tange à 1) **denúncia**, parece-nos necessária melhor estruturação da Comissão Nacional de Incidência Pública e Combate ao Racismo, dotando-a, inclusive, de um orçamento anual; 2) **formação**, queremos indicar ações específicas: a publicação de uma Lista de Termos Racistas e de uma Síntese Histórico-Teológica do Pensamento Racismo; a criação de uma bolsa de

estudos voltada para a promoção da Educação das lideranças negras clericais e laicas; 3) **representatividade**, indicamos a adoção de metodologia objetiva para garantir a representatividade negra nas eleições/indicações. Parece-nos que até há o interesse de garanti-la, mas a intenção se perde por falta de uma metodologia, que estabeleça a representatividade/proporcionalidade entre brancos e negros, como já se pratica no quesito gênero; ação social, parece-me que uma primeira indicação seria, via SADD, a criação/abertura de um edital de projetos voltados para ações afirmativas da população negra; bem como o mapeamento de pessoas negras atendida nos projetos que já existem na Província. Um passo importante seria requisitar a informação desde a elaboração dos projetos até o relatório de atividades.

Toda missão, é uma tarefa complexa, que não se realiza num só ato, mas se prolonga na história, com desdobramentos e atualizações. Fazemos votos de que a IEAB continue sua missão de anunciar um Evangelho comprometido com a vida em plenitude!

Referências

BUENO, Samira *et al.* O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. *In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.* São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 136-145, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *O elevador social está quebrado? Como promover mobilidade social.* Disponível em: <https://www.oecd.org/brazil/social-mobililty-2018-BRA-PT.pdf>. Acesso: 17 set. 2022.

PORTELA, Adriano. *Anglicanismo e negritude no Brasil.* Conciliação. 13 jan. 2019. Disponível em: <https://adrianopor-tela.wordpress.com/2019/01/13/anglicanismo-e-negritude-no-brasil/>. Acesso: 18 set. 2023.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

IGREJA SEGURA CONTRA O RACISMO

Adriano Portela dos Santos¹¹

Igreja Segura é um impulso da Igreja para **ações de promoção de segurança e reparação**.

Reflitamos sobre a promoção de segurança contra o racismo a partir do texto de 2 Reis 4.1-7. O profeta Eliseu é procurado pela viúva de um dos *filhos dos profetas*, em busca de ajuda frente à vulnerabilidade social em que se encontrava: *Teu servo, meu marido, morreu, e sabes que ele temia o Senhor. Ora, veio o credor com a intenção de tomar meus dois filhos para fazê-los escravos* (2 Rs 4,1). Os chamados *filhos dos profetas* eram membros de escolas proféticas ligadas ao ensino de um profeta, portanto, estavam numa vivência comunitária da fé.

Como se vê, na angústia da viúva, a escravidão presente nos tempos bíblicos era baseada em questões econômicas: pessoas se vendiam ou eram vendidas para pagar dívidas. Diferente, portanto, da escravidão ocorrida no Brasil (séculos XVI-XIX), que se baseava na raça.

A Sagrada Escritura, apesar de tolerar a prática da escravidão antiga, recomenda empatia com os escravos (Ex 21,2; Dt 15,12-14; Ef 6,9; Col 4,1), diferente de outras culturas do seu entorno (vide o Código de Hamurabi) e define, já na lei mosaica, que *quem raptar alguém para ser vendido como escravo deve receber a morte como punição* (Ex 21,16).

“Que posso fazer por ti?” Essa é a pergunta que faz Eliseu à viúva. Não se trata de uma pergunta de alguém descomprometido, mas sim de alguém responsável pelos destinos do outro. Diante da resposta da viúva, o profeta a orienta a multiplicação de um óleo, como solução. *“Vai, vende o óleo e paga a tua dívida, depois tu e teus filhos vivereis com o restante”* (2 Rs 4,7).

A Igreja, assim como Eliseu, deve potencializar os dons apresentados pelas pessoas negras, sobretudo as que se encontram em vulnerabilidade social. Muitas vezes, temos que provocar a consciência desses dons, como fez o profeta: *“Dize-me, que possúis em sua casa?”* (v. 2). Em nosso país, os dois traços mais perversos do racismo talvez sejam o *depauperamento* e a *exclusão de oportunidades* às pessoas negras. Nesse sentido, promovemos segurança para elas quando nos

¹¹ Presbítero na Diocese Anglicana do Recife.

comprometemos com o seu crescimento e lhes possibilitamos portas abertas para que se libertem da opressão que lhes ameaça a vida.

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando as pessoas negras em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

5. PESSOAS ASIÁTICAS

SOU VERDE E AMARELA

Erica Furukawa¹²

Sou uma pessoa amarela. Sou filha de japoneses e nasci no Brasil. Cresci numa paróquia fundada por um japonês, o Revdo. João Yasoji Ito. Então sempre me senti em casa na Igreja. Por ele ter sido um grande missionário, muitas comunidades foram fundadas por ele no Estado de São Paulo. Desta forma, a Diocese de São Paulo é composta por muitas pessoas clérigas e leigas *nikkeis*.

No ano de 2023 foi comemorado o centenário da missão anglicana japonesa no Brasil.

Fora da Igreja, na minha infância e adolescência, ouvia piadinhas racistas, não necessariamente maldosas, mas que reforçavam estereótipos. Diferentemente de outros imigrantes, como italianos e alemães, as pessoas japonesas sofreram mais preconceito, em sua chegada ao Brasil, devido à sua aparência não caucasiana.

Na época da Segunda Guerra Mundial, esse preconceito foi intensificado, sendo que os japoneses residentes no Brasil foram perseguidos pelo governo brasileiro devido ao alinhamento do Japão com a Alemanha e a Itália.

Atualmente, já estamos na quarta ou quinta geração. Nos grandes centros urbanos brasileiros, a cultura nipônica já está entranhada. Quem nunca comeu um *sushi* ou *yakissoba*? Quem nunca cantou usando o aparelho de *karaokê*? Os adolescentes são fascinados pelos *animês* e *mangás*. A cultura japonesa se faz presente através dos esportes e artes marciais, na agricultura, na alimentação, na literatura e artes, nas marcas de carros, entre outros.

Segundo dados do Governo do Estado de São Paulo, “no Brasil vivem mais de 2 milhões de japoneses e descendentes, o que representa a maior comunidade *nikkei* fora do Japão. O segundo país com maior número de japoneses e descendentes é os Estados Unidos, com um milhão de pessoas. O Brasil é o país mais japonês depois do Japão.”

¹² Psicóloga, leiga na Diocese Anglicana de São Paulo.

Desse modo, a comunidade *nikkei* se encontra em posição privilegiada, em comparação a outras nacionalidades asiáticas, pois a maioria dos descendentes nipônicos já criaram raízes brasileiras, tiveram acesso a estudos, muitos com formação superior. Mas e as demais pessoas amarelas, como estão?

Recentemente, devido à pandemia do Covid-19, surgiram ataques racistas contra pessoas de origem asiática. Essas pessoas tiveram que ouvir frases do tipo: *Volta para o seu país, você trouxe o coronavírus*.

Esse preconceito indiscriminado contra asiáticos revela um dilema maior. Existe uma dificuldade em diferenciar as pessoas amarelas. Para a maioria da população, são todas iguais: japonesas, chinesas, taiwanesas, sul-coreanas, norte-coreanas, filipinas, malaias, tailandesas. E mesmo ser confundida com alguém da minha origem é constrangedor. Ao ser confundida com uma colega *nikkei* em meu trabalho, ouvi muitas vezes a frase: “Ah, mas japonês é tudo igual!”.

Em seu artigo *#StopAsianHate: ser asiático no Brasil é como nos EUA?* publicado em 08/06/2021, Thayla Bicalho Bertolozzi declara sobre os asiáticos:

Mesmo assim, não é possível dizer que atualmente sofrem racismo de forma igual à população negra, em um nível que o racismo é o que ele mais sabe ser: estrutural, atingindo todas as esferas. Isso, contudo, não desmerece a dor e o sofrimento da população amarela no Brasil, nem descaracteriza certos crimes enquanto raciais. Também vale ressaltar que tal cenário é diferente para imigrantes asiáticos atuais.

Mesmo assim, as pessoas amarelas nem sempre se sentem seguras, na sociedade, no mundo. Como pessoa amarela, sempre me senti segura dentro da Igreja anglicana, pois ela é atravessada pelo acolhimento e pela diversidade, o que a torna segura para todas as pessoas. Os preconceitos que se apresentam na sociedade sempre são debatidos para que não sejam repetidos dentro de nossa Igreja. Construimos estratégias para disseminação de informação e conhecimento, sempre pautadas na razão, na empatia e no bom senso.

Somos, enfim, uma Igreja de muitas cores!

Referências

FOLHA DE S. PAULO. *Brasileiros de ascendência asiática relatam ataques racistas durante a pandemia*. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/brasileiros-de-ascendencia-asiatica-relatam-ataques-racistas-durante-a-pandemia.shtml>. Acesso em: 22 maio 2025.

SÃO PAULO (Estado). *Estado tem cerca de 1 milhão de japoneses e descendentes*. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/estado-tem-cerca-de-1-milhao-de-japoneses-e-descendentes/#:~:text=No%20Brasil%20vivem%20mais%20de,mais%20japon%C3%AAs%20depois%20do%20Jap%C3%A3o>. Acesso em: 22 maio 2025.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

PESSOAS DE ORIGEM ASIÁTICA

*Carmen Kawano*¹³

Uns anos atrás, entrei no elevador de meu prédio e lá estava uma garotinha de uns 10 anos. Ela me olhou e perguntou curiosa: “Você é turista?”

Na época, eu estudava teologia na PUC-SP, onde havia muitos estudantes estrangeiros, principalmente de nossos países vizinhos e da África. E um dia, um estudante brasileiro me perguntou de que país eu era. Não houve má intenção em nenhum dos dois casos, mas eles indicam que as pessoas de origem asiática não são reconhecidas como inteiramente brasileiras ou 100% brasileiras, mesmo que sejam descendentes de quinta ou sexta geração no Brasil.

Muitas pessoas se referem a mim como “uma mulher japonesa”. Isso soa extremamente excludente porque tira de mim a cidadania brasileira. Sou vista como imigrante ou estrangeira em meu próprio país.

O preconceito contra asiáticos é algo que pode ser meio invisível, isso porque, na verdade, pessoas asiáticas são invisíveis, “não existentes”. Somos pessoas de lugar nenhum. Diria que a invisibilidade é também porque não há orientais na Bíblia.

A religião hoje pode ser irrelevante para grande parte da população, mas o cristianismo está na base e na subcamada estrutural do Ocidente.

No tempo da pandemia, entretanto, tornou-se muito visível a discriminação e ódio contra pessoas de origem asiática nos EUA, Europa e também no Brasil. O ministério asiático da Episcopal Church, junto com seu Bispo Presidente, se pronunciou contra esses discursos que diziam, entre outras coisas, algo como “não venham nos transmitir o vírus”.

O tipo de preconceito contra pessoas asiáticas as coloca de fora do conjunto de pessoas brasileiras “iguais”. Isso as deixam vulneráveis e isoladas como grupo minoritário, o que pode representar um perigo para sua integridade, além das questões de identidade. Podemos verificar certo enfrentamento em Atos 22:25-29 quando lemos: “Pois eu tenho essa cidadania de nascença”.

¹³ Presbítera na Diocese Anglicana de São Paulo.

O Brasil, tão diverso e multicultural, e a Igreja Anglicana têm o potencial de incluir calorosamente todas as pessoas. O que podemos fazer para que todos os grupos minoritários e todas as pessoas realmente se sintam em casa nesse país?

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando as pessoas de origem asiática, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

6. INDÍGENAS

IGREJA SEGURA, ESPAÇO SEGURO

*Isabel Dessana*¹⁴

Ao falar sobre Igreja segura, trago neste texto duas outras palavras para complementar o entendimento sobre o tema: igreja segura, *espaço seguro*. Ao rever sobre a responsabilidade do Grupo de Trabalho (GT) para uma Igreja segura, passei dias pensando, trabalhando o próprio interior e também trazendo à memória conceitos sobre o que seria uma igreja segura.

Em muitos casos, não é e não tem sido fácil abordar sobre esse tema, e, nesta breve reflexão, trago de modo particular os povos originários. Hoje no Brasil, os povos originários se reergueram para fortalecer a sua cosmologia em conjunto com a ecologia por entenderem que tudo faz parte da espiritualidade. Além disso, lutam para resguardar tudo o que foi perdido durante a drástica trajetória de sua vivência.

Atualmente, a IEAB e demais igrejas no Brasil têm um grande propósito: caminhar juntas na fé por reconhecerem que todos seguimos Jesus, de igual modo! Desde o início do século, os povos originários são considerados vulneráveis pelo contexto de toda a sua trajetória de vida colonizada pelos europeus.

A temática em foco é de grande importância para apresentar o rosto de Cristo como seguro, confiável e companheiro, um ser humano, como nós somos. Infelizmente, porém, nos deparamos com realidades complexas, em que os direitos das pessoas não são respeitados, violando tudo aquilo que é mais sagrado no ser humano. É uma realidade que nos faz perceber o quanto a igreja precisa ser um espaço de segurança, acolhendo todos os grupos, indistintamente.

¹⁴ Antropóloga social, leiga na Diocese Anglicana da Amazônia.

No contexto dos povos originários nos perguntamos como a igreja pode ser segura, quais abusos podem acontecer e como impactam as pessoas vulneráveis. Como a igreja segura pode dar segurança a essas pessoas? Gostaria de contribuir a partir de várias experiências com foco nos povos originários e sua espiritualidade a partir das suas cosmologias.

O texto *O diálogo da conversão dos gentios e a memória*, de Fernando Torres Londoño, dentre outras referências, pode nos ajudar a entender a trajetória da história dos povos originários. O autor nos oferece uma base sobre o quanto esse povo foi atacado, violado em sua cosmologia, ignorado devido suas crenças, escravo de uma religião por imposição forçada, dentre outras violências sofridas. No Brasil, temos vários relatos que abordam esse assunto, como *O diário do Padre Antônio Vieira* e *O Sermão da Montanha*.

A igreja segura para os povos originários deve ou deveria ser um *espaço de acolhida*, sem preconceito de religião e crenças. Nesse espaço se apresentam pessoas de variadas crenças, onde se reúnem para um momento de espiritualidade. É oportuna uma analogia para contribuição da compreensão de uma igreja segura: “a origem do cipó”.

A palavra define uma matéria-prima encontrada na mata virgem, para confecção de instrumentos usados por mulheres para carregar nas costas as mandiocas que trazem de sua roça. O *cipó* é formado de fios pendurados, a sua origem sempre está enraizada nos caules das árvores na parte superior. Conforme a árvore vai crescendo ela também vai caindo, como se fossem os cabelos das árvores, tendo espessura de meio centímetro. Na coleta, os fios são retirados e vão sendo puxados até que soltem, mas muitas vezes a sua segurança é tão forte que deixam cansar os braços de seus coletores, sendo assim, eles alternam e puxam outros fios.

Esse serviço é feito a partir de um processo de preparação que consiste na limpeza do cipó, retirada das partes que não são úteis deixando somente aquelas que irão servir por longos anos na roça para as famílias. Um dos principais serviços do cipó é o de transportar alimentos para muitas famílias. Não somente servir, mas potencializar o cuidado para chegar ao resultado com segurança e qualidade.

Uma igreja segura remete às marcas da missão e nos faz refletir, em especial com base na quarta marca: *Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência e buscar a paz e a reconciliação*. A quinta marca nos inspira em atuação com as populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas, *lutar para salvaguardar a integridade, sustentar e renovar a vida da terra*.

Não podemos ignorar que em um mundo com avanços das grandes tecnologias (e quando pensamos nos povos originários e de outras religiões não europeias), as violências e abusos geralmente acontecem de forma silenciosa, por meio do preconceito, do racismo religioso, da

REFLEXÃO TEOLÓGICA

AS VOZES DOS POVOS INDÍGENAS QUE NOS DESAFIAM

Humberto Maiztegui¹⁵

*“A misericórdia e a verdade se encontraram;
a justiça e a paz se beijaram.
A verdade brotará da terra,
e a justiça olhará desde os céus.”*

(Sl 85.10-11)

Na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil caminhamos em solidariedade junto aos povos indígenas do Brasil há muitos anos. A nossa trajetória solidária parte de um profundo respeito pelos direitos ancestrais nestas terras.

As centenas de povos que ainda resistem à invasão colonialista, à apropriação das terras ancestrais, à exploração e destruição dos ecossistemas – onde desenvolveram sua cultura, seus saberes e de onde tiraram sua subsistência por milênios – sofreram, por parte do sistema do lucro e da exploração implantado em seus territórios, um processo de genocídio permanente, o apagamento de suas culturas e religiosidades e a imposição de um sistema religioso que reforça a perda constante dos direitos ancestrais e a integração forçada à sociedade dominante.

Este versículo inicial do Salmo 85 expressa o sonho de um povo que foi escravizado, dominado por diversos impérios, mas que espera que o Deus Libertador lhe permita chegar a esse tempo quando *a justiça e a paz*, muito mais que *valores*, sejam *atitudes* que se encontram na amorosidade do beijo; quando a *verdade*, muito mais que um *conhecimento único e dominante*, é, como toda a vida, algo que *brota da terra*; quando a justiça, mencionada duas vezes, *olha do céu*, como o olhar da própria divindade criadora.

Caminhar com os povos indígenas e com todos os povos originários é reencontrar nossa fé que emerge das vítimas dos sistemas opressores, que proclama a vitória de Jesus, perseguido,

¹⁵ Bispo Diocesano da Diocese Meridional.

torturado e assassinado – assim como estes povos têm sido – e que ressuscita para nos assegurar a vitória final sobre todas as formas de destruição e morte.

E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. (Apocalipse 21.4)

O livro de Apocalipse é uma grande liturgia, trabalho do povo, de resistência diante da mais cruel perseguição sofrida pelas comunidades cristãs nos tempos do Império Romano. Assim como antes, hoje ainda emerge o sonho de Deus: de um tempo em que as lágrimas vertidas pelas muitas vidas ceifadas pela crueldade e a violência possam cessar.

Os povos indígenas, desde o início da colonização, têm derramado lágrimas. Todos os anos há lideranças indígenas sendo assassinadas por reivindicarem seus direitos. Entretanto, nós, como pessoas cristãs, pelo amor de Cristo, sua Cruz e Ressurreição, acreditamos em um tempo quando não haverá mais lágrimas! E ao ouvirmos estas palavras as acolhemos como aprendizado e desafio, rumo ao horizonte de uma vida plena para todas as pessoas e uma vida em harmonia com toda a criação.

Após refletirmos a partir deste texto, o que este tema pede de mim ou de nossa comunidade?

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando os povos originários, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

7. PESSOAS LGBTQIAPN+

PESSOAS LGBTQIAPN+ ESPAÇOS SEGUROS DE ACOLHIDA: A INCLUSÃO NA IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL

*Magela Neto*¹⁶

No Brasil, a comunidade LGBTQIAPN+ vem ganhando importância e também ocupando espaços relevantes na política, no meio acadêmico, mercado trabalho, na formação das suas famílias. Entretanto, e ao mesmo tempo, vivencia uma realidade complexa e cheia de contrastes, ou seja, está longe de ser perfeita. Percebemos isso quando tratamos dos dados sobre a violência que essas pessoas enfrentam por consequência da LGBTFOBIA. Esse cenário é agravado por muitos fatores dentre os quais destacamos: os discursos de ódio e a crescente influência de grupos conservadores e religiosos. Apesar dos avanços legais, a realidade diária da comunidade LGBTQIAPN+ ainda é marcada pela busca por **respeito e segurança**.

Os abusos são frequentes e podemos listar alguns: violência física, que se intensifica quando tratamos de travestis e transexuais que enfrentam altas taxas de homicídios; violência verbal com ofensas, xingamentos e discursos de ódio são comuns e manifestam-se tanto pessoalmente quanto nas redes sociais; discriminação no trabalho, enfrentando dificuldades na contratação, promoção ou ambientes de trabalho hostis devido à identidade ou orientação; abuso psicológico, humilhação, manipulação que prejudicam a saúde mental. No campo familiar a rejeição é registrada cada vez mais, jovens são expulsos de casa, sofrem retaliações dentro da própria família e, segundo Borrillo (2010), *o menos ruim que se ocorre é a homofobia liberal, quando a homossexualidade não é vista como legítima, mas ela pode ser tolerada, desde quando o indivíduo não apresente comportamentos gays e não apresente nenhuma ação do mesmo*. Existe também a negligência institucional, através

¹⁶ Presbítero na Diocese Anglicana de Brasília – Coordenador da Casa A+.

da ausência de políticas públicas adequadas e acesso limitado a cuidados específicos de saúde, especialmente para transgêneros, e no campo do assédio sexual, quando frequentemente a comunidade é alvo de assédios baseado em estereótipos e preconceitos.

Essa violência afeta tanto as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ quanto o/as defensores(as) dos direitos humanos da população. É nesse contexto que a nossa luta LGBTQIAPN+ se une a outras pautas de direitos humanos e sociais em busca de reconhecimento seja pela nossa Igreja, pelo Estado, pelos grupos políticos, econômicos ou pela sociedade em geral. Todos os abusos que a nossa comunidade enfrenta são permeados por duas palavras: **preconceito e intolerância**.

Embora conquistas importantes tenham avançado e sido alcançadas no campo dos direitos e ocupação de espaços importantes, registramos os ataques da ala conservadora e religiosa em anular esses direitos. Podemos citar o recente ataque contra o casamento homoafetivo, quando o deputado Pastor Eurico (PL-PE), no dia 5 de setembro de 2023, apresentou à Comissão de Previdência e Assistência Social da Câmara um projeto de lei que vai na direção contrária ao projeto original, de autoria do ex-deputado Clodovil Hernandez (PTC-SP), que regulamentava o casamento de pessoas do mesmo sexo. Embora ainda não votado, esses abusos evidenciam a urgência de medidas de proteção e conscientização para a população LGBTQIAPN+ no Brasil.

No campo religioso, as dificuldades são cada vez mais acentuadas, especialmente nas denominações mais conservadoras. Primeiramente, muitas doutrinas religiosas interpretam textos sagrados de forma a condenar a orientação sexual de sua membresia, classificando-a como pecaminosa ou anormal. Essa perspectiva leva à exclusão e desmembramento de fiéis LGBTQIAPN+ das atividades promovidas pela igreja e dos sacramentos religiosos, promovendo dilemas internos entre a sua identidade e a fé. Assim, muitas igrejas distanciam-se cada vez mais do compromisso de promover um cristianismo verdadeiramente libertador e promotor da vida.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, IEAB, ao contrário de algumas denominações cristãs, tem demonstrado uma postura mais aberta e inclusiva. Toda essa nossa caminhada na experiência e na vivência está nos ajudando a construir um ambiente seguro. Faz 26 anos desde o lançamento da primeira Carta Pastoral dos Bispos da IEAB sobre a sexualidade. Importante citarmos conquistas importantes da nossa Igreja no Brasil, como *o apoio aos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ e o matrimônio eclesialístico. Além disso, a IEAB frequentemente emite declarações contra a discriminação e a violência baseada em orientação sexual e identidade de gênero. Desde 2015, optamos em fazer uso de uma linguagem mais inclusiva.* Vale ressaltar, contudo, que ainda existem divergências internas e nem toda a sua membresia ou paróquias anglicanas compartilham da mesma visão inclusiva. Contudo, em linhas gerais, a postura da IEAB e da Câmara de Bispos e Bispos é de acolhimento e respeito à diversidade.

Essa é uma realidade que nos convida a refletir e agir quanto à acolhida das pessoas LGBTQIAPN+ em nossas comunidades, templos e de todas essas conquistas já implementadas em nossa Igreja. Por isso devemos estar atentos no acolhimento e celebração das experiências vividas através das pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Dessa forma, precisamos fortalecer mais essa caminhada e para isso destacamos alguns pontos importantes que devemos aprofundar em nossa Igreja para torná-la cada vez mais um lugar seguro e que devem nortear nossos pensamentos e planejamentos pastorais e comunitários:

- a) promover uma Igreja receptiva, ou seja, que permita que a comunidade LGBTQIAPN+ lidere, converse sobre suas realidades e viva a plenitude de suas sexualidades;
- b) promover uma Igreja inclusiva, rompendo com a heterossexualidade compulsória e avançando nas discussões referentes à heteronormatividade, não repetindo os padrões;
- c) reafirmar a cada dia as Cinco marcas da missão, tendo como ênfase a quarta marca, que nos convida a *Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação.*

Por fim, precisamos vivenciarmos a cada dia a mensagem contida na carta de João: O amor lança fora todo o medo (1 João 4:18). O Senhor sempre está buscando verdadeiros/as adoradores/as, pessoas que o honrem, que promovam o amor e se fortaleçam no reconhecimento dos ensinamentos de Jesus baseada no amor.

Referências

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL (IEAB). *97ª Reunião do Conselho Pastoral da IEAB*. 2019. Disponível em: https://www.ieab.org.br/wp-content/uploads/sites/410/2019/08/c_past_97.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL (IEAB). *O que são as cinco marcas da missão no Anglicanismo*. 27 fev. 2022. Disponível em: <https://www.ieab.org.br/2022/02/27/o-que-sao-as-cinco-marcas-da-missao-no-anglicanismo/>. Acesso em: 22 maio 2025.

O GLOBO. *Comissão da Câmara discute projeto que proíbe casamento gay*. 5 set. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/09/05/comissao-camara-discute-projeto-que-proibe-casamento-gay.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2025.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

O FUNDAMENTALISMO BÍBLICO QUE FERRE E MATA PESSOAS TRANSGÊNEROS

*Nilo Junior*¹⁷

A inclusão LGBTQIAPN+ é um assunto que primeiramente exige a aceitação e o respeito de todas as pessoas em relação às diversas identidades de gênero e orientações sexuais que o tema comporta.

No que se refere à Bíblia, trata-se de um texto antigo e, portanto, há que se compreender o contexto e a cultura da época e também considerar a possibilidade de múltiplos olhares, visto que muitas passagens – sobretudo no Antigo Testamento – são de difícil interpretação, até mesmo para especialistas e pesquisadores. Ainda que a Bíblia não mencione diretamente a comunidade LGBTQIAPN+, há passagens que podem ser interpretadas à luz das questões de gênero e sexualidade.

Sabemos que todo esse grupo sofre com preconceitos e violências. Assim, o *Seminário da Igreja Segura*, realizado pelo SADD em 2023, ao tratar do assunto, levanta questão muito pertinente e que precisa de atenção. Historicamente, as pessoas pertencentes à letra T da sigla (travestis, transsexuais e transgêneros) são as que mais têm sofrido violências. Uma pesquisa revelou que só em 2023 houve 155 mortes de pessoas trans no Brasil, sendo 145 casos de assassinatos e dez de suicídio após terem sofrido violências ou devido à invisibilidade trans. O número de assassinatos aumentou 10,7%, em relação a 2022, quando houve 131 casos. Seja em suas casas, no trabalho (quando conseguem trabalhos dignos), nas ruas ou em igrejas pessoas trans sofrem todo tipo de violência. Nas Igrejas cristãs, quando muitas delas podem ou desejam frequentar um lugar de culto, são frequentes os casos de violência e assédio moral realizados por líderes religiosos ou pela membresia contra essas pessoas, gerando cicatrizes que ficam e são difíceis de cura e afastando-as ainda mais do ambiente religioso, que deveria ser seguro, acolhedor e terapêutico para irmãos e irmãs que já chegam com tantas feridas.

¹⁷ Presbítero na Diocese Anglicana do Paraná.

Para nós, cristãos e cristãs, bastaria apenas um olhar sob a ótica de Jesus para entendermos que ele próprio não fez nenhuma distinção de pessoas. Os Evangelhos citam vários momentos quando Jesus subverte a teologia culposa da antiga lei. O fato de o Cristo comer com publicanos e pessoas consideradas “pecadoras” era um dos maiores escândalos (Lc. 5,29) para a religião de Israel; ou quando ele se importa com paralíticos e leprosos (Lc. 17,13). Jesus não se preocupa com a teologia do Templo, ao contrário, ele revela o mais puro e verdadeiro da essência divina: o amor! Todo o seu ministério esteve concentrado no cuidado e em levar dignidade às pessoas que a tinham perdido, devido ao preconceito da sociedade da época.

Hoje não é diferente. Encontramos pessoas que embora se declarem seguidoras de Jesus estão cheias de ódio e preconceito contra integrantes LGBTQIAPN+, contrariando a lógica do Reinado de Deus que afirma: “O meu mandamento é este: Amem uns aos outros como eu os amei” (Jo 15:12). Essa ordenança do Mestre já deveria bastar para que as pessoas parassem com toda agressão, ódio e falta de respeito. A grande questão que queremos abordar não é apenas *tolerar*, porque esse termo pode ser muitas vezes popularmente compreendido como “aceitar boca abaixo”. O fundamental é *compreender, colocar-se no lugar, respeitar, não julgar*, amar sem reservas, aprendendo a olhar o ser humano como imagem e semelhança de Deus, exatamente como Jesus o fez.

Essas pessoas, em geral excluídas, precisam de melhor acolhimento, precisam de sentir pertencentes e amadas por Deus e pela comunidade. Dar-lhes maior visibilidade e espaço, ouvir suas dores e conviver com elas é uma das formas de incluí-las. Sabemos que o ser humano só consegue realmente entender quando conhece, convive e compartilha as dificuldades. É essencial ter empatia e amor – sentimentos e capacidades cada vez mais raras ultimamente. O Reino de Deus é para todos e todas. Não há lugares marcados. Jesus não escolhe alguns entre a multidão. Todas as pessoas são bem-vindas e todas são iguais para Deus.

Momento de reflexão

A partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando as pessoas LGBTQIAPN+, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro?
- O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

Referência

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. 7. ed. Brasília, DF: ANTRA, 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

8. UMA IGREJA SEGURA EM SUA RELAÇÃO COM AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD)

Rudinei Borges de Borges¹⁸

Jacqueline da Silva Dutra¹⁹

As discussões sobre inclusão surgiram especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Isso porque uma das consequências da guerra foi uma enorme quantidade de sobreviventes com algum tipo de deficiência, principalmente física. Até então, mundialmente falando, as pessoas com deficiência ficavam à margem da sociedade e até das famílias. Os movimentos de inclusão começaram a se fortalecer nos anos 1970, com as Declarações dos Direitos das Pessoas “Portadoras” (escrita da época) de Deficiência (ONU).

Nessa época, a deficiência era considerada uma doença e uma PCD (pessoa com deficiência) precisava se adequar à sociedade. Essa concepção ficou conhecida como o modelo biomédico da deficiência. Mais tarde, tal visão passou a ser chamada de modelo social da deficiência e, diferente do modelo biomédico, entendia que a sociedade devia se adaptar às deficiências.

A inclusão é um processo. A sociedade tem que criar espaços inclusivos para que esses grupos possam estar inseridos em todo e qualquer contexto, seja ele social, político ou religioso.

As Igrejas tiveram uma importância grande na construção dessa história e agora também precisam fazer a sua parte, olhando para si e adaptando-se para incluir as pessoas com as mais variadas deficiências (física, visual, auditiva, intelectual, psicossocial ou múltiplas).

¹⁸ Leigo da Diocese Anglicana de Pelotas.

¹⁹ Leiga da Diocese Anglicana de Pelotas.

A Igreja Episcopal Anglicana, por meio do seu Conselho Consultivo Anglicano, 2016 (ACC-16), instituiu a Comissão por uma Igreja Segura da Comunhão Anglicana cuja função tem sido a de promover a segurança das pessoas dentro das igrejas da Comunhão Anglicana, em especial aquelas mais vulneráveis. Tal ação relaciona-se, principalmente, com a *terceira marca da missão*: responder às necessidades humanas com amor; e com a *quarta marca da missão*: procurar transformar as estruturas injustas da sociedade e desafiar toda a espécie de violência.

Uma pessoa com deficiência pode estar vulnerável quando a estrutura arquitetônica da maioria de nossas igrejas não permite o amplo acesso ou não acolhe as pessoas devido à sua deficiência. Ainda, quando em qualquer relação com um(a) funcionário(a) ou eclesiástico(a) e, existindo um desequilíbrio intrínseco de poder, a PCD pode vir a ser explorada ou usada por esta pessoa. Esse desequilíbrio no acesso ou pelo poder ainda é capaz de ser aumentado por outras circunstâncias que, se estiverem presentes, conferem às pessoas uma capacidade diminuída de se protegerem contra abusos, tais como: pobreza, idade, questões étnicas, de orientação sexual ou gênero, ou outros fatores sociais e culturais.

O Brasil possui mais de 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que representa 23,92% da população, sendo que cerca de 30% dessas deficiências são físicas.

Rudinei Borges de Borges, deficiente físico, membro em plena comunhão da Diocese Anglicana de Pelotas, fala sobre a sua realidade:

Sempre ouvimos falar e até pregamos que a Igreja deve ser inclusiva. Lemos textos bíblicos que contam que Jesus veio para olhar e nos libertar de todos os preconceitos, pois Jesus curou paralíticos, comeu e andou com leprosos, curou os cegos e muito mais. Hoje cada vez mais se fala em uma Igreja inclusiva, se combate o preconceito racial, o preconceito quanto a opção sexual e tudo mais, mas será que realmente somos uma comunidade Anglicana que prega e usa estas práticas dentro de nossas comunidades? Se hoje chegar uma pessoa que usa uma cadeira de rodas, consegue ter acesso a todos os espaços das comunidades e tem acesso a todas as partes do templo, inclusive do altar? Pois bem, você já imaginou se você fosse surdo e mudo e tivesse vontade de louvar a Deus em uma celebração em nossas comunidades, tem lugar para eles? E se você for cego existe trabalho áudio visual para que possa saber o que está acontecendo ao seu redor? Imagine se você for pai ou mãe de autista e queira levá-lo às celebrações, temos alguma comunidade que possua abafadores para seus ouvidinhos? Enfim, poderíamos enumerar mais exemplos de que infelizmente somos uma Igreja excludente se olharmos pelo lado das pessoas com deficiências, então para podermos dizer que realmente somos uma IGREJA SEGURA falta pensarmos nesta parte da população que é de 12% da população em situação de deficiência grave e se considerarmos as deficiências totais, contando as mais leves somos cerca de 24% da população brasileira. Por isto a importância de fazermos uma reflexão

séria e real sobre isto para de fato podermos dizer que somos uma igreja segura e de fato uma igreja para todos. Basta apenas pensar que se Jesus voltasse hoje o que diria sobre nossas comunidades relacionadas as pessoas com deficiências. Não podemos mais tolerar a situação que vivenciamos em nosso país. E para que esta situação mude precisamos ouvir as PCDs, pois temos um lema que diz: “NADA POR NÓS SEM NÓS!”

Então, como nossas igrejas podem se tornar espaços onde todas as pessoas se sintam seguras? É urgente e necessário identificar recursos e melhores práticas que possam ajudar as paróquias, dioceses e províncias da Comunhão Anglicana na garantia do acesso, no acolhimento e na redução dos riscos de má conduta e abuso de poder por parte do clero, funcionários e voluntários da igreja.

Algumas ações que podem ser pensadas e executadas em cada Diocese:

- a) promover uma cultura de segurança nas paróquias e organizações eclesiais, educação e treinamento para ajudar o clero, outros funcionários da igreja, os membros de pastoraes e voluntários e funcionários de nossas instituições;
- b) implementar políticas e procedimentos para avaliar a adequação de pessoas para ordenação ou nomeação para cargos de responsabilidade na igreja, incluindo a verificação de seus antecedentes;
- c) divulgar nas igrejas o procedimento para fazer reclamações, ouvir com paciência e compaixão, disponibilizar assistência espiritual e o cuidado pastoral para qualquer pessoa que apresente uma queixa de abuso; analisar imparcialmente alegações de abuso contra o clero e outros;
- d) reformar e/ou adequar as estruturas arquitetônicas das igrejas e demais dependências para o correto acolhimento das PCDs.

O Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, afirmou que uma Igreja inclusiva e segura é uma prioridade absoluta e destacou que a Igreja não pode falhar no acolhimento e na escuta das vítimas, pois caso contrário contribuirá para manter essas pessoas afastadas do amor de Cristo.

Referências

ANGLICAN COMMUNION. *The Anglican Communion Safe Church Commission*. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.anglicancommunion.org/community/commissions/the-anglican-communion-safe-church-commission.aspx>. Acesso em: 22 maio 2025.

ANGLICAN COMMUNION SAFE CHURCH NETWORK. *Safe Church Network report to ACC-16*. [S.l.], 2016. Disponível em: <https://acscn.anglicancommunion.org/media/220580/Safe-Church-Network-report-to-ACC-16-rev.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

ANGLICAN COMMUNION. Comissão por uma Igreja Segura da Comunhão Anglicana. *Relatório para o Conselho Consultivo Anglicano em fevereiro de 2023 (ACC-18)*. Fev. 2023. Disponível em: https://www.anglicancommunion.org/media/498881/pt_com_SCC.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

ANGLICAN COMMUNION SAFE CHURCH NETWORK. *Site institucional*. [S.l.]: Anglican Communion, [2025?]. Disponível em: <https://acscn.anglicancommunion.org/>. Acesso em: 22 maio 2025.

BIBLIOTECA OFICIAL EM SAÚDE (BVS). 11/10 – Dia da Pessoa com Deficiência Física. *Ministério da Saúde*. Brasil. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/11-10-dia-da-pessoa-com-deficiencia-fisica/#:~:text=O%20Brasil%20pos-sui%20mais%20de,23%2C92%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 maio 2025.

BRASIL. *Lei nº13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/biblioteca/2025/manual-para-elaboracao-do-trabalho-academico-com-citacoes-e-referencias-em-padrao-abnt.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL (IEAB). *Tag: Igreja Segura*. Disponível em: <https://www.ieab.org.br/tag/igreja-segura/>. Acesso em: 22 maio 2025.

MARTINS, Beatriz C. et al. *A história dos direitos das pessoas com deficiência*. POLITIZE. Equidade. 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/historia-dos-direitos-das-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 22 maio 2025.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

Ives Vergara Nunes²⁰

Jesus respondeu: Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele.

(João 9.3)

A cegueira será o ponto de partida para analisarmos o tratamento dado às pessoas com deficiência na Bíblia e introduzir o tema de Igreja Segura para este segmento.

Salientamos dois aspectos:

- a) a cegueira tinha diferentes causas (questões genéticas, enfermidades, acidentes, guerras, castigos etc.);
- b) existiam leis que buscavam proteger as pessoas cegas (Dt 27.18; Lv 19.11-15; Is 42.16). Além destes aspectos, havia uma crença comum de que as deficiências eram o resultado da decisão divina ou de um castigo, fruto do pecado da própria pessoa ou de seus pais (Êx 4.11; Jo 9.2), que criou uma visão de mundo:

as cerimônias do culto [...] não teriam fundamento sólido algum se as desligássemos das concepções muito mais amplas, baseadas na ideia de um mundo dividido diante de Deus, entre puro e impuro, sagrado e profano, bendito e maldito. Essa polaridade era um dado fundamental para toda a vida de Israel, de valor tão universal que devemos considerá-la sempre presente mesmo quando não é explicitamente mencionada.

Com este contexto sócio/cultural/religioso do puro/impuro, deparamo-nos com o texto de João 9, que embora não seja o único a debater o assunto (ex.: Mt 9.9-13; 20-22; Lc 17.11-19; Mc 2.1-12) é o que o faz mais diretamente, pois (1) rompe com sua antiga compreensão e estabelece um novo padrão, que não mais atrela a deficiência ao pecado/castigo; (2) traz uma nova “visão” não

²⁰ Presbítero na Diocese Anglicana da Amazônia.

só ao cego, mas também aos discípulos, vizinhos, fariseus etc.; (3) dá um lugar de protagonismo ao homem que fora cego e considerado pecador e amaldiçoado, o qual dependia das esmolas e agora debate teologia (Jo 9.30-33).

Assim, Jesus transforma o templo num lugar de promoção humana, de libertação, de dignidade, cidadania, respeito, solidariedade, amor, enfim, num **lugar seguro**, acabando com as acusações, exploração, humilhação, barreiras, insultos.

Para encerrar o debate Jesus diz “*Eu vim a este mundo para realizar um julgamento ...*” (Jo 9.39b). E a pergunta que fica é: Se Ele julgar nossos templos, igreja e ações em relação às Pessoas com Deficiência, qual seria sua sentença?

Momento de reflexão

a partir do tema trabalhado, percebo que preciso demonstrar mais cuidado para com os grupos vulneráveis, respeitando as pessoas com deficiência, em meu ambiente familiar, de trabalho, nos espaços públicos ou na igreja:

- O que posso fazer em relação a isso, como posso mudar?
- A minha comunidade paroquial está sendo um espaço seguro? O que podemos fazer para melhorar?

Ato penitencial

Há muitas maneiras de prestar atenção à ação de Deus em nossas vidas.

Em relação ao dia de hoje:

- Pelo que sou eu mais grato?
- Quais foram os meus sucessos?
- Quais foram as minhas faltas?
- Como recebi amor?
- Como ofereci amor?
- Como neguei amor?

Referência

RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. I. São Paulo: Editora Teológica, 1973. p. 266.

